

Da Porta ao Portal: o Espaço como Metáfora da Narrativa Jornalística¹

Jeana SANTOS²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Resumo

Este artigo de natureza teórica, e que abarca a História do Jornalismo, a Literatura e a Filosofia, tem como objetivo confrontar dois tempos – o passado e o presente – da produção jornalística, a partir dos *lugares* para daí investigar o quanto a materialidade do espaço condiciona a narrativa produzida pelos profissionais. A primeira seção aborda a transposição do espaço privado ao público, mediado pelas aberturas limiáres da casa (portas, janelas) enquanto metáfora da crônica, fundando o jornalista moderno. A segunda seção investiga o abandono da cidade e o retorno ao ambiente privado em que o labor jornalístico se dá através de telas virtuais que transportam o jornalista para além do tempo e do espaço, fomentando uma escrita *à la minute* e cada vez mais sob encomenda (*on demand*).

Palavras-chave: jornalismo; literatura; história; psicodinâmica do trabalho

Introdução

A proposta deste ensaio é fazer um contraponto entre o processo de produção jornalística do passado e do presente, mediado pelo *espaço* laboral dos jornalistas. Se em começos do século XX o jornalista tinha a cidade toda a lhe pertencer, o profissional multimídia do presente quase não se desloca no espaço. E, no entanto, a cidade inteira, além das várias outras cidades do planeta, penetra na tela virtual que o profissional tem diante de si, abrindo janelas para o mundo. Se o jornalista do passado procurava perder-se pelas ruas da cidade para nela buscar o imponderável, o inusitado, o sublime contido no trivial da vida se fazendo nas calçadas, o jornalista moderno percorre redes comunicacionais no espaço seguro do gabinete de trabalho ou da casa sem correr riscos. Se antes a narrativa produzida pelo jornalista tinha a cadência dos passos lentos do *flâneur* que deambulava pela cidade na busca de compreendê-la, a escrita de hoje é apressada, abrupta e clama sempre por um ponto final. Uma frase breve, uma nova história, a história contada a toque de caixa para sempre dar lugar a uma nova história...

Esta escrita em tempo real, urgente, estaria tirando o jornalista dos espaços onde os fatos acontecem, imobilizando-o diante das telas planas das redes virtuais que o transportam

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, email: jeanasantos@terra.com.br

para o mundo sem o transportar? Em que medida estes lugares, ou não-lugares, nos quais o jornalista transita, ou não mais transita, condicionam a sua escrita e deixam indícios de uma nova prática profissional se fazendo? Ou se desfazendo?

Nossa proposta é mostrar que os *lugares* de trabalho, o espaço material em si, deixam inícios de como a fala do jornalista, a produção de suas mensagens, muda através dos tempos. Os *lugares* seriam, então, metáforas para o texto. Portanto, este ensaio procura desvelar as várias camadas do tempo para buscar as primeiras formações do trabalho jornalístico nos *lugares* que aconteciam para daí investigar o quanto a materialidade do espaço condicionaria a narrativa produzida pelos profissionais.

A primeira seção aborda a transposição da casa para o espaço público da rua, mediado pelas aberturas limiares da casa (portas, janelas) enquanto metáfora da crônica, fundando o jornalista moderno. A segunda investiga o abandono da cidade e o retorno ao ambiente privado, lugar em que o labor jornalístico se exerce através de telas virtuais que transportam o jornalista para além do tempo e do espaço, fomentando uma escrita *à la minute* e cada vez mais sob encomenda (*on demand*).

O objetivo é, então, confrontar as linguagens produzidas nos dois tempos a partir destes dois espaços de passagem: a porta da casa (a narrativa da crônica) / o portal do ciberespaço (a narrativa em hipermídia). Entendemos que são nestas zonas limiares do tempo e do espaço que a história muitas vezes se representa em seus sentidos justapostos, complementares, sem que um tenha que excluir necessariamente o outro.

Do umbral da casa ao espaço público: a crônica

No século XIX, habitar a casa era mais importante do que ir às ruas. Enquanto a rua causava temor, a casa oferecia resguardo, segurança, proteção, privacidade. Era o momento em que a vida privada estava no seu ápice, tanto que o verbo *privar* (domar, domesticar) significava, conforme os dicionários de língua francesa do período, tirar do domínio selvagem e transpor para o espaço familiar da casa. “(...) o privado aparece bem contido em um espaço protegido, uma defesa, é como uma fortaleza sitiada” (DUBY, 2009, p. 20). Tanto que a expressão “a vida privada deve ser murada” se tornou bastante comum há época (DUBY, 2009).

A *domus* era, portanto, um território fechado sobre si que voltava suas costas para a cidade e na qual o olhar de fora dificilmente poderia penetrar, à parte “o olhar das

comadres, o do inquisidor, mas também o olhar do historiador” (DUBY, 2009, p. 18). E poderíamos acrescentar o olhar do poeta, como demonstra Baudelaire (2006) no poema “As janelas”:

Aquele que olha de fora através de uma janela aberta, não vê nunca tantas coisas quanto aquele que olha uma janela fechada. Não há objeto mais profundo, mais misterioso, mais fecundo, mais tenebroso, mais radiante do que uma janela iluminada por uma candeia. O que se pode ver à luz do sol é sempre menos interessante do que o que se passa por detrás de uma vidraça. Neste buraco negro ou luminoso vive a vida, sonha a vida, sofre a vida.

A casa murada tinha, portanto, suas aberturas, suas zonas limiaries entre o privado e o público, entre o doméstico e a rua, pelas quais se podia olhar. Não por acaso a palavra limiar (*liminaris* em latim) é relativo à *soleira da porta*, umbral, fronteira da casa. E o olhar das comadres de que fala Duby, ou do *voyer* do poema de Baudelaire, não só perscrutaria de fora para dentro quanto passaria a se dirigir de dentro da casa para fora através da zona limiar da porta ou pela abertura fronteira da janela, do latim *januella*, diminutivo de *janua* (“pequena porta”).

E é por esta “pequena porta” que os personagens do conto de Hoffman (2010) “A janela da esquina do meu primo”, publicado postumamente em 1822, dirigem o olhar para a rua. A narrativa gira em torno de um escritor inválido que observa a vida passar numa praça movimentada de Berlim através de uma única abertura: a *janela*. Ao receber a visita de seu primo, os dois passam a olhar a vida pelo parapeito, descrevendo minuciosamente os tipos que por ali passam: “Essa janela é meu consolo, aqui a vida alegre ressurgiu para mim e eu me sinto reconciliado com o movimento incessante que me proporciona. Venha, primo, dê uma olhada para fora!”, convida o escritor.

Se os olhar do escritor moderno olha agora para fora, seria premente que a escritura por ele produzida acompanhasse o movimento incessante dos fatos e dos seres pelas ruas das grandes cidades. Se Paris inventou as fisiologias, o Brasil inventaria a crônica³. O gênero teria surgido no *Jornal do Comércio*, sob a rubrica de *Variedade*, quando em fins de 1830 o periódico passa a publicar conteúdos variados, matérias traduzidas, resenhas, ficções curtas, poesias, traduções etc. O *romance-folhetim*, importado da França e que garantiam

³ Ver Benjamin (1994). Abordei as fisiologias como precursoras do gênero perfil no jornalismo, assim como o *flâneur* como precursor do jornalista, no artigo “Cartografias do jornalismo: do parapeito da janela antiga à tela cibernética”. Também aprofundi o conceito e as características do gênero crônica no livro “O colecionador de histórias miúdas: Machado de Assis e o jornal”. Ambos os textos estão referenciados ao final.

uma boa saúde financeira aos jornais, continuaria a ocupar o rodapé da página um. Assim, o gênero teria nascido no século XIX, ocupando a seção denominada folhetim, e abarcando desde o romance, o conto e a própria crônica, até a poesia e os comentários sobre o dia-a-dia da vida da cidade (MEYER, 1992). Conforme a autora, tanto no caso da crônica (*folhetim-variedade*) como do *romance-folhetim*, os escritores tiveram que aprender a escrever no ritmo ditado pela velocidade do meio jornal e acabaram por transpor esse modo de escrita para o seu posterior texto de ficção. Estabeleceu-se, assim, uma simbiose, via folhetim ou crônica, entre a literatura e o jornalismo.

A crônica se converte, então, numa literatura *limiar*, numa porta ou janela que interliga a vida doméstica (o livro) dos escritores à zona insondável da rua (o jornal). Era necessário ao escritor que transpusesse esta porta adotar um tom mais ligeiro, coloquial, próximo à fala praticada nas ruas da cidade que se industrializava. E a crônica, com sua linguagem mais simples para o consumo cotidiano das camadas alfabetizadas do país no período, foi uma forma oportuna de passagem entre o livro e o jornal. Não é a toa que, como a própria etimologia revela, a crônica (do grego *chronons*) faz parte da história do tempo, trazendo nela os assuntos do momento, mesclando comentário e informação, e aclimatando-se perfeitamente ao jornal em detrimento à forma “lenta” e arcaica do livro.

E para continuarmos na metáfora da passagem da casa para a rua e do livro para o jornal, nada mais emblemático do que a forma como Machado de Assis, com sua ironia habitual, “inaugurou” a crônica. No texto “O nascimento da crônica”, o autor diz que o gênero teria sido inventado por duas comadres que se sentaram à porta para “debicar os sucessos do dia”. “Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica” (SANTOS, 2007, p. 27). Como se vê, as duas vizinhas postadas nesta zona limiar que é a soleira da porta são como a comadre aludida por Duby no começo deste ensaio ou como o *voyeur* do poema de Baudelaire. Contudo, não mais olham da rua para dentro da casa através das janelas, mas dirigem seu olhar para o espaço público, perfilando os tipos que por ela passam. A atitude do primeiro olhar é a do escritor inserido no lar burguês. A atitude do segundo é a do jornalista. Afinal, “não há escritor que não partilhe dessa condição: uma criatura de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade” (COUTO, 2005).

Da porta da casa ao portal: a narrativa em hipermídia

Se da janela da casa nossos escritores passaram ao espaço limiar da porta, e da porta à rua, nela habitariam por muito tempo, buscando na urbe assuntos que converteriam em notícias ou crônicas para o consumo das massas através do jornal. A rua seduzia nossos jornalistas pioneiros que nela buscavam a matéria-prima para seus textos: a expressão da velocidade, a exposição da vida privada no espaço público, as modas, os costumes, as notícias, o progresso, enfim, os tempos industriais que se encenavam no palco da cidade. O cronista João do Rio, por exemplo, considerado por muitos o primeiro repórter brasileiro, documenta com paixão o amor que tinha pela rua. Considerava-a muito mais que “apenas um alinhado de fachadas por onde se anda nas povoações”. Para ele, “a rua é um fator da vida nas cidades, a rua tem alma!” (JOÃO DO RIO, 2011, p. 29).

Passados mais de um século de fascínio pela “alma encantadora das ruas”, observa-se hoje, na esfera jornalística, um declínio da “musa urbana” tão documentada pela pena de Machado de Assis ou de João do Rio. Este recuo do jornalista ao espaço do gabinete ou da casa, em um movimento contrário ao do cronista, deve-se, em parte, aos graves problemas que as cidades modernas vêm enfrentando, tais como o excesso de veículos, de gente, de poluição, de acidentes, de violência de toda ordem. Mas deve-se também – ou, sobretudo –, a uma exigência de comprimir cada vez mais o tempo. Com o incremento da comunicação à distância, que anula a necessidade da presença física nos lugares, a ausência de deslocamento no espaço condiciona uma economia de tempo. Se as três dimensões do espaço estariam sendo trocadas pelas duas dimensões de uma tela (de uma interface) é porque reduzem o tempo de deslocamento do profissional, que estaria sendo contratado para atividades não-centradas, resultando numa diminuição de custos para as empresas.⁴ Se antes o jornalista deambulava pela cidade no ritmo da tartaruga benjaminiana⁵, hoje o acúmulo de tarefas (que vão de trabalhos de reportagem, redação, edição, documentação até as de *design*, vídeo e fotografia) e a velocidade a que o profissional é submetido o impede de mover-se, para que ganhe sempre mais tempo. Conforme Salaverría e Negrodo (2008, p. 48), foi precisamente quando os repórteres de rua se converteram em redatores de mesa, há pelo menos meio século, que este acúmulo de tarefas vem ocorrendo.

⁴ Recupero aqui questões abordadas no artigo “Cartografias do jornalismo: do parapeito da janela antiga à tela cibernética”.

⁵ Conforme Benjamin (1994), em Paris, o *flâneur* levava este animal de estimação a passeio para se contrapor ao ritmo veloz ditado pelo industrialismo.

Assim, a polivalência, com sua economia de custos e de tempo, exigida pelas modernas redações estaria removendo o jornalista do espaço da cidade para transportá-lo novamente a casa. Nesta casa, não mais janelas a instigar o olhar de quem quer ver os acontecimentos do mundo. Não mais uma porta a transpor o mundo privado ao domínio público. Da janela passa-se ao *windows* (sistema operacional mais utilizado no mundo), não por acaso “janelas” em inglês. Da porta de acesso à rua passa-se ao portal cibernético. E, assim, a atual configuração do trabalho jornalístico a partir de uma lógica de fluxo, de rede, de velocidade, leva o profissional a desabitar cada vez mais o espaço público em prol do ciberespaço, e a porta a tornar-se cada vez mais, conforme Virilio (1993), aquilo que *transporta*.

(...) a porta é aquilo que *transporta* veículos, vetores diversos cujas rupturas de continuidade compõem menos um espaço do que uma espécie de contagem regressiva em que a urgência do tempo de trabalho aparece como *centro do tempo* e o tempo livre das férias, do desemprego, como tempo de uma periferia, subúrbio do tempo, aplainamento das atividades no qual cada um é exilado em uma vida privada, em todos os sentidos do termo (VIRILIO, 1993, p. 11, grifo do autor).

Tal economia do tempo de que fala Virilio, que pressupõe uma ruptura na continuidade do espaço, condicionaria também uma economia na linguagem produzida pelo jornalista. Se a crônica é a cidade, ou a cidade é a crônica, nela o jornalista perfaz caminhos sinuosos, imprevisíveis pelo espaço, deixando-se levar pelas impressões que confere *in loco*. Já o texto no espaço hipermediático – cujo deslocamento real do jornalista é substituído pela imobilidade virtual que, paradoxalmente, traz o mundo distante para perto – salta pelos espaços, encurta os caminhos, sinaliza os interditos e quase nunca oferece riscos.

Esta interação inédita com o espaço – onde o olhar que capta os acontecimentos do mundo não vê apenas por *uma* janela, ou através do deambular do repórter pelos espaços públicos da cidade, mas que se desloca incansavelmente por *várias* janelas que se abrem na tela virtual – configura uma nova forma de relacionamento do jornalista com os lugares. A muito comentada natureza distraída da experiência moderna tem seu precursor no olhar móvel do *flâneur* (FEATHERSTONE, 1996, p. 195), mais do que propriamente na sua mobilidade física. Algo que os meios de comunicação de massa ajudaram a forjar na medida em que o olhar passa de contemplativo a disperso. Tanto que Featherstone aproxima o andar do caminhante urbano de Benjamin ao do navegador da Internet, naquilo

que ele chama de “*flânerie* eletrônica” (FEATHERSTONE, 1996, p. 202). Este universo virtual convida o usuário a entrar num labirinto com múltiplos caminhos de entrada e de saída sem seguir uma rota única, algo que o *flâneur* já realizava ao percorrer a cidade a pé. E se quisermos continuar na metáfora da janela aludida no começo deste ensaio, então, podemos abri-la em várias direções através de uma narrativa “hiperlinkada” em que as possíveis conexões são instantâneas, gerando um ritmo cada vez mais veloz nas percepções que o olho enxerga.

De fato, essa é uma das diferenças apontadas por Featherstone a respeito do olhar do *flâneur* urbano e o do eletrônico. Enquanto o primeiro deixa as sensações fluírem e se dissiparem na medida em que olha, o outro, devido à hipermobilidade contemporânea, sofre uma sobrecarga enorme de informação. Outra diferença apontada pelo autor diz respeito ao universo habitado pelo *flâneur*. Se o primeiro observador lidava com a finitude real dos limites da cidade, no ciberespaço a cidade dos dados é infinita, uma vez que permite saltar entre websites e endereços em uma velocidade que jamais seria possível no espaço físico concreto.

Assim, se a crônica era a literatura de passagem entre o jornal e o livro e, portanto, conservava características do primeiro enquanto ia se ambientando à linguagem móvel, fragmentada e justaposta do segundo, o texto no ciberespaço estilha-se e justapõe-se como nunca. Um jornal digital recorre a textos, sons, imagens que se fixam ou se movimentam. Os textos recorrem a links, bases de dados, *download* de documentos relevantes para a matéria. A participação do leitor é muito mais significativa que a do jornal tradicional e, portanto, tanto a linguagem quanto as ferramentas de acesso precisam permitir – e até estimular – esta interatividade.

Se a leitura do jornal, ao contrário do livro, já previa esta distração do olhar e esta falta de linearidade no conteúdo nele impresso, a leitura de um texto no formato web é obviamente muito mais antilinear e fortuita, a ponto de estudos apontarem que o navegador estaria lendo apenas 20% do total do texto. Apesar da estrutura da notícia não diferir muito do modelo clássico da pirâmide invertida, a linguagem online economiza ainda mais o tempo e o espaço, concentrando a informação num único parágrafo, o *lead*, onde a primeira frase já funcionaria como título.

Se a crônica foi uma das primeiras formas de narrativa jornalística caleidoscópica, fragmentada, que muda de assunto ao sabor do ânimo do cronista, o texto na hipermídia se revelaria muito mais estilhaçado. Nele é possível regressar ao texto retrospectivo, saltar

através de um hiperlink para outra seção ou assunto, mudar de mídia através de um ícone de som ou vídeo. É possível experimentar o mundo *não estando mais lá*.

Em tempos virtuais – em que a *imobilidade física* contrasta com a *mobilidade ocular* de uma visão onipresente e onisciente – será que o *voyeur* de Hofmann não encontra seu correlato no *webjornalista* moderno? O primeiro olha os acontecimentos mundanos por uma única janela; o segundo tem à disposição de si infinitas janelas que se abrem e se fecham incessantemente. E, no entanto, ambos, ao contrário da atitude do *flâneur*, vêem as coisas do mundo a uma distância segura, se abstendo de consumir as experiências que passam diante deles. Benjamin (1994), ao comentar a diferença entre o observador em Hofmann e o observador em Poe de “O homem da multidão”, critica o primeiro:

Mas quão acanhado o olhar deste que observa a multidão instalado em domicílio, e quão penetrante o daquele que a fita através das vidraças do café. (...) De um lado, o homem privado; senta-se na sacada como num balcão nobre; se quer correr os olhos pela feira, tem à disposição um binóculo de teatro. Do outro, o consumidor, o anônimo, que entra num café e que logo, atraído pelo magneto da massa que o unge incessantemente, tornará a sair.

Conclusões preliminares

A declaração de Benjamin professa a superioridade de um texto produzido pelo escritor que não se furta a percorrer a cidade a pé para dali documentar sua experiência. Era com a mesma atitude que os nossos literatos pioneiros se dirigiam às ruas, flanando pela cidade sem a urgência de suprimir o espaço para ganhar o tempo. Embora a crônica fosse o texto mais emblemático desta transposição do espaço privado para o público, e já continha nela este desmembramento da linguagem para caber nas páginas do jornal, o que se vê é um movimento incessante de narrativas que se sucedem em um tempo cada vez mais veloz em espaços cada vez mais justapostos, fazendo da urgência e da ansiedade as marcas indelévels do nosso tempo e o pré-requisito angustiante para a prática profissional do jornalista moderno. Uma prática que, para além de exigir do profissional uma multifuncionalidade sem precedentes, desaloja-o do espaço partilhado da rua com a promessa de uma economia no tempo. Um tempo que nunca se economiza, mais bem o devora, adoce-o. Um espaço que se abre na interface das redes comunicacionais, enquanto se fecha para o as vivências partilhadas, as expressões fortuitas da vida acontecendo em praça pública. Afinal, era o espaço público partilhado que dava sentido ao trabalho do jornalista. A ideia de trazer o

mundo distante para perto, *tendo estado lá*, é o que imprimia a marca do seu ofício. Transpor portas, estas aberturas limiaries entre a casa e a rua, deambular pela rua, misturar-se à multidão em busca de assuntos para o consumo das massas, era o que dava sentido à mobilidade orgânica do *flâneur*, apontado por Benjamin (1994) como precursor do jornalista (“A base social da *flânerie* é o jornalismo”).

Também para Virilio (1993, p. 14), forja-se um “urbanismo sem urbanidade” à medida que o espaço público perde cada vez mais sua realidade geopolítica em benefício dos sistemas tecnológicos instantâneos de deportação (de pessoas pelo remanejamento da produção, da atenção, do face a face humano, do contato urbano para a interface homem-máquina).

Este ensaio, embora compartilhe das percepções inaugurais de Benjamin e das mais análises mais tardias de Virilio, não pretende ser apocalíptico sobre a prática jornalística contemporânea. Até porque se faz premente considerar as dobras, os movimentos justapostos de uma prática que ora avança para o declínio, ora se renova em narrativas emancipatórias. Que por vezes utiliza os recursos das tecnologias modernas para propor uma narrativa no moldes das grandes reportagens imersivas do passado. Exemplos deste recuo ao velho e bom jornalismo são os projetos desenvolvidos através de financiamento coletivo – afinal sempre há algum financiamento – como o jornalismo da Pública (Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo / www.apublica.org) e várias outras iniciativas que valorizam o tempo e o espaço de trabalho do jornalista e que o tira do gabinete para levá-lo de volta ao espaço urbano partilhado. Sem esquecer que, com exceções, a própria empresa jornalística estimula em alguns casos a reportagem que se faz nas ruas. Entretanto, aquilo que era o foco central do trabalho do jornalista cede cada vez mais terreno (espaço e tempo) para a rentabilidade e o sucesso empresarial das corporações midiáticas.

Não deixando de fazer esta ressalva, procuramos aqui traçar o percurso da ocupação/desocupação da rua pelo jornalista e o quanto tais movimentos pelos *lugares* através dos *tempos* condicionam de algum modo a linguagem produzida por este profissional em constante mutação.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, C. **Pequenos poemas em prosa**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COUTO, Mia. **Pensatempos**: textos de opinião. Lisboa: Caminho, 2005.

DUBY, G. (org.). **História da vida privada, 2**: da Europa feudal à Renascença. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEATHERSTONE, M. “O *flâneur*, a cidade e a vida pública virtual”. In: ARANTES, A. (org.). **O espaço e a diferença**. Campinas (SP): Papyrus, 2000. p. 186-208

HOFFMAN, E. T. A. **A janela de esquina do meu primo**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2010.

JOÃO DO RIO. **A alma encantadora das ruas: crônicas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

MEYER, M. *Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a crônica*. In CANDIDO, A. (et al.). **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. São Paulo: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1992. p. 93-133.

SALAVERRÍA, R. ; NEGREDO, S. **Periodismo Integrado**: convergência de medios y reorganización de redacciones. Barcelona: Editorial Sol90, 2008.

SANTOS, J. “Narrativas sobre a cidade: entre o medo e o fascínio”. **Comunicação, Mídia e Consumo**, ano 11, v. 11, n. 31, maio/ago. 2014. São Paulo: ESPM.

_____. **O colecionador de histórias miúdas**: Machado de Assis e o jornal. Florianópolis: Insular, 2013.

_____. “Cartografias do jornalismo: do parapeito da janela antiga à tela cibernética”. **Revistas Estudos de Jornalismo**, n. 5, v. 1 / **Dispositiva**, n. 3, v. 1. p. 21-34

SANTOS, J. F. **As Cem Melhores Crônicas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

VIRILIO, P. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.